

CONCEPÇÃO DIALÓGICA E AS NTIC: A EDUCOMUNICAÇÃO E OS ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS

Ademilde Silveira Sartori

Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP
Universidade do Estado de Santa Catarina
ademilde@matrix.com.br

Maria Salete Prado Soares

Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP
salete.soares@gmail.com.

Resumo:

Alicerce do pensamento latino-americano sobre a inter-relação comunicação e educação, Paulo Freire iluminou as bases de um novo modelo comunicacional considerado por Jesús Martín-Barbero como a primeira teoria latino-americana de comunicação. Paulo Freire desponta como o educador que definiu bases sólidas para gestar os espaços dos ecossistemas comunicativos, pois sua teoria dialógica, baseada em colaboração, união, organização e síntese cultural, aproxima-se do conceito de Educomunicação. A Educomunicação é um campo teórico-prático integrado e integrador que pressupõe um *modus operandi* que reconceitua a relação comunicação e educação. Nestes termos, o educador é aquele profissional que, tendo em conta as possibilidades comunicativas colocadas pelas NTIC, gera e gerencia ecossistemas comunicativos.

Palavras-chave: educação dialógica – educomunicação – ecossistemas comunicativos

Introdução

O século XX apresentou significativas transformações em quase todos os âmbitos: sociais, econômicos, políticos, culturais que abalaram a sociedade vigente e que estão diretamente ligadas ao surgimento das **tecnologias da comunicação e da informação**. Elas reorganizaram práticas, vivências, estruturas, infiltrando-se em praticamente todos os setores da sociedade, alterando rotinas sedimentadas tanto na vida empresarial quanto na particular.

Neste século da **comunicação**, a **globalização** também contribuiu para abalar estruturas e quadros de referência que serviam de parâmetros a indivíduos e coletividades. Capaz de uniformizar a sociedade, de manipular e impor padrões alheios à sociedade local e, paradoxalmente, promover um renascimento de valores culturais locais, a globalização trouxe, no rastro de sua passagem, uma exacerbação das desigualdades sociais e acirramento da exclusão social, tanto internamente aos Estados quanto no plano internacional, o que gerou uma evidente erosão social da cidadania.

As novas tecnologias possibilitaram a construção de uma malha de conexão entre áreas do conhecimento distintas e a criação de uma dimensão por onde transitam idéias e conceitos díspares, permitindo à humanidade vivenciar novas experiências no saber, no fazer, no sentir.

A importância que a **comunicação** assumiu na sociedade atual nos obriga a olhá-la como uma nova força nas relações cotidianas, em todas as esferas sociais.

O século XIX reorganizou-se econômica, política e socialmente em função do desenvolvimento industrial e do crescimento das relações entre povos e culturas; o século XX confrontou-se com a onipresença dos meios de comunicação que escancarou a força dos dispositivos de informação presentes em cada canto do planeta de forma instantânea, produzindo sentidos, induzindo ideologias; tudo isso acarretou profundas conseqüências na vida individual e coletiva dos séculos XX e XXI, inclusive na educação. Martín-Barbero (1996) afirma que estamos diante de um ecossistema comunicativo conformado não pelas máquinas ou meios, mas por linguagens, saberes e escritas, pela hegemonia da linguagem audiovisual sobre a tipográfica que desordenam e remodelam as formas de aquisição do saber e do conhecimento.

Para o educador Paulo Freire, a comunicação é elemento fundamental pois é ela que transforma seres humanos em Sujeitos. Freire estabelece a relação entre comunicação e educação, na medida em que esta última é vista como um processo daquela, já que é uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo.

A comunicação

O campo da Comunicação transita por diferentes áreas, incorporando um espírito transdisciplinar, o que longe de enfraquecê-la, confere-lhe uma vitalidade ímpar nessa transgressão de fronteiras disciplinares e cruzamento de posturas científicas.

Para Pierre Bourdieu, campo é um universo que “... possui sua *doxa* específica, conjunto de pressupostos inseparavelmente cognitivos e avaliativos cuja aceitação é inerente à própria pertinência” (BOURDIEU, 2001, p. 122). Identifica, assim, vários campos como o científico, o jornalístico, o literário, o artístico, e cada um consiste em uma institucionalização de um ponto de vista, “... um conjunto de pressupostos e de crenças partilhadas... inscritas em certo sistema de categorias de pensamento” (BOURDIEU, 1997, p. 67). Ao contemplar uma determinada problemática, um campo é

... um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em conseqüência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Neste sentido, em “História das Teorias da Comunicação”, Armand Mattelart e Michèlle Mattelart entendem o campo da comunicação como um

campo de observação científica que, historicamente, se inscreveu em tensão entre redes físicas e imateriais, entre o biológico e o social, a natureza e a cultura, os dispositivos técnicos e o discurso, a economia e a cultura, as perspectivas micro e macro, o local e o global, o ator e o sistema, o indivíduo e a sociedade, o livre-arbítrio e os determinismos sociais. (MATTELART e MATTELART, 1999, p. 10).

Esse campo em profunda e contínua mutação é caracterizado por Venício Lima (2001) como “desarticulado, conflituoso e em permanente crise teórica”, o que não impede a Comunicação de, mesmo possuindo contornos vagos e indefinidos, estar na centralidade da discussão no final do século XX e início do XXI, prestando-se aos mais diversos usos estratégicos.

A palavra “comunicação”, é entendida, muitas vezes pelos especialistas, como possuidora de duas faces: como um processo em que A envia uma mensagem para B, sobre o qual a mensagem tem um efeito determinado ou pode ser enfocada como uma negociação e um intercâmbio de sentido, no qual as mensagens, as pessoas, suas culturas e a “realidade” interagem para possibilitar a produção de sentido, ou seja, a sua compreensão. (O’SULLIVAN, 2001, p. 52).

O autor latino-americano Jorge Huergo (2001) explica que, etimologicamente, a palavra “comunicação” provém da palavra latina “*communis*” que significa “tornar comum”. São dois sentidos apresentados pelo verbo: o primeiro, como transitivo, tem o significado de “transmitir” e “persuadir” e está intimamente ligado a “divulgação”, quer dizer, enquanto um fala, o outro escuta. Estabelece-se uma relação de poder em que um é o que transmite, detém o conhecimento e o outro simplesmente recebe, numa relação vertical que se torna mais acentuada ainda quando levamos em consideração os meios de comunicação de massa. Esse sentido do verbo comunicar foi chamado por Paulo Freire, no livro Educação como Prática da Liberdade (1967), de alienação da ignorância, pois o outro que recebe não pode ter o processo de conhecimento sem a “doação” daquele que detém o saber.

A segunda interpretação entende o verbo como reflexivo e, nesse sentido, ‘comunicar’ é ‘tornar comum’, ‘partilhar’ e ‘dialogar’. Transformou-se, em alguns casos, em um sentido quase religioso, como a idéia de comunidade ideal de comunicação, de Jürgen Habermas, baseada na vontade subjetiva dos participantes (comunicação intersubjetiva) e na idéia de comunicação como uma condição da vida social. A comunicação seria um agir, um comportamento, uma expressão humana observável e identificável. No agir comunicacional, as ações são orientadas para o entendimento mútuo, o ser que inicia o processo comunicacional é também produto dos processos de socialização.

Se o conceito de comunicação apresenta, como diz Lima (2001), a ambigüidade de ter no seu significado dois extremos – de transmitir, sentido unidirecional e o de compartilhar, processo participativo – o significado também sofreu alterações ao longo do tempo. Ela teve vários sentidos, tais como: “(a) de objeto tornado comum – uma comunicação ou comunicado; (b) de meios físicos de transporte, as vias de comunicação – estradas, rios, canais; e (c) os meios tecnológicos de transmissão de informação, isto é, a (imprensa, cinema, rádio, televisão)” (LIMA, op.cit., p. 25)

Oscilando entre a transmissão – aí envolvida a técnica (ou a funcional como quer Dominique Wolton (2002)) – e a comunicação como interação, há, contemporaneamente, uma tendência a associar o conceito de comunicação aos meios de comunicação de massa, face às radicais transformações por que passaram as tecnologias da comunicação no final do século passado.

A dissolução de barreiras entre os diferentes meios tecnológicos, do analógico ao digital, que acontece com aparatos como telefone, televisão, máquina fotográfica, computador e que estão convergindo para um único sistema e convivendo num mesmo aparelho só reforça a posição central que a **comunicação** assume no mundo contemporâneo. Ela passa a ser considerada como legitimadora de discursos, comportamentos, ações e atua como um instrumento de consenso, assim como foram “a religião nas sociedades tradicionais, o progresso nas

sociedades modernas ou a produção na sociedade industrial” (RODRIGUES, 1999, p. 13) .

Forma-se o que Adriano Duarte Rodrigues chama de uma “ideologia comunicacional” (RODRIGUES, *op. cit.*) no processo da modernidade; a ela caberia redefinir um novo tipo de racionalidade, já que os modelos lógicos fundamentados ou na vertente racionalista, baseada na razão técnico-científica ou na anti-racionalista, vanguardista, exauriram-se durante o processo. Apresentando-se de modo confuso, com pretensões arcaizantes de sociabilidade, a ideologia da comunicação vem carregada de anseios de refundação, de recomeço, de nova era. É do autor a seguinte definição de comunicação:

A comunicação não é um produto, mas um processo de troca simbólica generalizada, processo de que a sociabilidade, que gera os laços sociais que estabelecemos com os outros, sobrepondo-se às relações naturais que estabelecemos com o meio ambiente. Se todos os seres vivos estabelecem em permanência trocas imediatas e espontâneas com o mundo natural que os rodeia, nos homens esta interação não é imediata; é mediatizada por símbolos culturais concebidos, elaborados e legados por sucessivas gerações, como a linguagem verbal, os gestos e os comportamentos, o vestuário, a arte, a disposição e o arranjo do espaço público ou do espaço privado. Discursos e silêncios, gestos, comportamentos, ações e omissões constituem as manifestações dos processos comunicacionais, na medida em que correspondem a expectativas geradas pelas regularidades que formam o tecido das relações sociais (RODRIGUES, 1999, p. 22).

A comunicação é um processo de expressão da participação social, de estabelecimento de contato entre pessoas, grupos e classes.

A comunicação estuda a produção, a veiculação e recepção das mensagens, tanto a nível pessoal como social, tanto na esfera do privado como na esfera pública, e a interação dos emissores-receptores numa determinada conformação econômica, política e cultural, num determinado tempo e espaço, onde se liga o factual do cotidiano com o conjuntural e estrutural. (MORAN, 1993, p. 15).

Assim, tão importante quanto estudar e refletir sobre a comunicação **intransitiva**, centrada nos dispositivos de que se valem os media, é investigar as possibilidades contidas na comunicação **transitiva**, proporcionada por complexas redes interpessoais.

Na medida em que a educação transformou-se em espaço privilegiado de discussão e cidadania, e é um importante tecido comunicativo, torna-se vital colocar a comunicação no centro no fazer pedagógico, quer para questionar os mecanismos **não transitivos** nas suas diferentes feições, entendê-los e poder agir sobre eles, quer para promover ecossistemas comunicativos que destravem os nós pelos quais a educação está passando.

Os ecossistemas comunicativos

Walter Benjamin (1982) foi, talvez, o primeiro a entrever o nascimento do novo *sensorium* que se formava no intervalo entre as novas condições de produção e as transformações culturais promovidas pelas novas tecnologias da comunicação e informação. Essa mudança permite uma aproximação com tudo aquilo que até

então estava distante para as massas – a arte, por exemplo, mas não só ela – desmistificando, com a ajuda das técnicas, aquilo que possuía a aura de sagrado, o que era mantido resguardado e inacessível à população em geral. Esse *sensorium* permite romper o distanciamento e revigorar o sentimento de igualdade da massa diante da cultura, prerrogativa antes apenas da elite.

Por intermédio das novas tecnologias e do desenvolvimento da nova sensibilidade, criou-se uma energia que perpassa os novos mecanismos de apreensão do mundo “pela mediação de conectar-se ou desconectar-se dos aparelhos, sempre com destaque para a televisão”(BACCEGA, 2000, p. 10), que pode ser percebida nas empatias cognitivas e expressivas, desenvolvidas, principalmente, pelos jovens. Martín-Barbero explica que “frente à língua e ao território, as (linguagens) eletrônicas, audiovisuais, musicais, ultrapassam essa limitação, produzindo comunidades hermenêuticas que respondem a novos modos de perceber e narrar a identidade” (MARTÍN-BARBERO, 1998, p. 58). Identidades que são capazes de “amalgamar e fazer conviver ingredientes de universos culturais diversos” (MARTÍN-BARBERO, *op. cit.*, p. 13). Instaura-se, assim, um ecossistema tão vital quanto o ambiental: o ecossistema comunicativo.

Se trata de una experiencia cultural nueva, o como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad que en muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos. Un buen campo de experimentación de estos cambios y de su capacidad de distanciar a la gente joven de sus propios padres se halla en la velocidad y la sonoridad. No sólo en la velocidad de los autos, sino en la de las imágenes, en la velocidad del discurso televisivo, especialmente en la publicidad y los videoclips, y en la velocidad de los relatos audiovisuales. Y lo mismo sucede con la sonoridad, con la manera con que los jóvenes se mueven entre las nuevas sonoridades: esas nuevas articulaciones sonoras que para la mayoría de los adultos marcan la frontera entre la música y el ruido, mientras para los jóvenes es allí donde empieza su experiencia musical. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 49)

Para a Biologia, a noção de ecossistema inclui tanto fatores bióticos (vivos: animais, plantas, bactéria entre outros) quanto abióticos (ambiente físico) inter-relacionados dinamicamente. Pode ser considerado como o conjunto dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente. No ecossistema, acontecem trocas e ele está em contínuo dinamismo; não é determinado por seu tamanho, mas por sua estrutura e seus padrões de organização.

Jésus Martín-Barbero (2000) quem articulou o conceito de ecossistema comunicativo, não apenas conformado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal.

Adilson Citelli (2000, p. 246) é enfático ao assegurar que, diante das experiências culturais descentradas (formas de socialização, de dispositivos de identificação, de cultura) e onde “nada acontece na esfera pública sem que exista uma mediação de alguma mídia, de alguma forma de trânsito internacional”, é preciso “[...] assegurar a base democrática aos cidadãos”

Esta é a razão pela qual, para Martín-Barbero (2000), é vital que a escola absorva a idéia de que é preciso incorporar um trabalho sério que contemple o novo *sensorium* e os *media*, além de evitar que se aprofunde o fosso entre a sensibilidade

e a cultura dos professores e dos alunos. Por esse viés, a escola prioriza a interação com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação, das redes de intercâmbio, além de interatuar com os novos modos de representação e de ações cidadãs, que interligam o local com o mundial. Dessa forma, deve, portanto, assumir o trabalho com o ecossistema comunicativo como a dimensão estratégica da cultura (MARTÍN-BARBERO, 1996). O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto. (MARTÍN-BARBEIRO, 1996)

As políticas culturais e comunicacionais na educação devem passar pelas “ambiguas y complejas interacciones entre el ecosistema comunicacional y el sistema político em su indelegable responsabilidad de dinamizar la educación y creatividad cultural, incluyendo em ambas la invención científica y la innovación tecnológica”(MARTÍN-BARBEIRO, 2002, p. 56). Uma postura crítica aos meios de comunicação só será eficiente quando inserida em um projeto educativo cultural mais amplo.

Ismar de Oliveira Soares (1999) desenvolve o conceito de ecossistema comunicativo de modo mais abrangente. O pesquisador deseja estabelecer bases sólidas para a inter-relação comunicação e educação, a qual chama de Educomunicação, que trabalha “a partir de um substrato comum que é a ação comunicativa no espaço educativo, ou seja, a comunicação inter-pessoal, grupal, organizacional e massiva promovida com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos através da atividade educativa e formativa”. Soares insere o conceito na perspectiva da gestão comunicativa: compreende “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (SOARES, 2002b, p. 125)

Por esse ângulo, falar em ecossistema comunicativo implica buscar a descentralização de vozes, a dialogicidade, a interação. As relações devem buscar equilíbrio e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores. Não é apenas no mundo tecnológico que atua o ecossistema comunicativo, mas em todas as esferas e a comunicação.

Assim como há a necessidade de uma relação equilibrada entre homens e natureza, é necessária a criação de “verdadeiros "ecossistemas comunicativos" nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação”. (SOARES, 2002c)

Para Soares, o conceito de Educomunicação está intrinsecamente ligado ao de ecossistema comunicativo, já que a primeira é representada pelo “conjunto de ações que permitem que educadores, comunicadores e outros agentes promovam e ampliem as relações de comunicação entre as pessoas que compõem a comunidade educativa”. (SOARES, *op. cit.*). Ou seja, o *locus* de ação da Educomunicação são os ecossistemas comunicativos, que, para Soares, devem conter fluxos comunicativos positivos; existe mesmo uma recomendação de que ao geri-los “é interessante começar a partir dos pontos de consenso” (*Ibidem*), evitando conflitos.

Educomunicação

Importante questão referente à inter-relação comunicação e educação diz respeito ao papel da comunicação nas relações interpessoais, de trocas entre sujeitos. Nesse sentido, pode ser entendida como uma **comunicação transitiva**, “é o processo de expressão da participação social, do estabelecimento de contato entre pessoas, grupos e classes. A comunicação expressa a dinâmica do cotidiano, a existência social do indivíduo e a do indivíduo na sociedade”, conforme José Manuel Moran (1993, p. 11). É fundamentalmente uma prática vivida, um campo de trocas e de interações que possibilita a expressão, o relacionamento, o ensino e o aprendizado.

Essa outra maneira de ver a comunicação passa pela perspectiva do compartilhamento, da troca e de entendimento entre as pessoas. Nesse sentido, aproxima-se da visão de teóricos da educação, como Paulo Freire, para quem a comunicação é fundamental nas relações humanas, assim como a inter-relação de seus elementos básicos no processo educativo. Para haver conhecimento, é necessária uma relação social igualitária e dialogal entre os sujeitos, que resulta em uma prática social transformadora.

Baseado em Freire, Francisco Gutierrez defendia o princípio de que o “processo de comunicação é essencial à educação” e que “o processo de aprendizagem é autêntico quando se efetua uma mudança naquele que aprende. Por esse motivo a aprendizagem pressupõe a interação, o intercâmbio.” (GUTIÉRREZ, 1978, p. 33-39)

O princípio da ação e do diálogo comunicativos podem ser alargados se relacionarmos com a dimensão da comunicação pessoal de José Manuel Moran:

A comunicação caminha na direção da inclusão, da integração. Da inclusão de pessoas diferentes, de formas distintas de ver. Caminha na aproximação de mais pessoas, de mais grupos; no estabelecimento de vínculos, de pontes para aproximar-nos das pessoas, sem isolar-nos em grupinhos, “panelinhas”, ou seitas. [...] Pela comunicação não só expresse emoções, sentimentos, como também lido com afeto. Pela comunicação busco afeto, carinho, ser querido, amado. Se essas emoções são bem gerenciadas, são positivas, facilitaremos todas as atividades em todas as dimensões e direções das nossas vidas. A rejeição, a falta de afeto, de aceitação nos desestrutura, nos joga para fora de nós mesmos numa busca frenética de qualquer compensação, reconhecimento, aceitação. (MORAN, 1998, p. 10-16).

Ou seja, ao falarmos de ecossistema comunicativo seria interessante pensar na qualidade das relações interpessoais do processo, visto que não podemos desconsiderar que, antes de tudo, temos **seres humanos** que estão interagindo.

Jorge Huergo já havia percebido esse fato ao analisar o sentido de diálogo que contém o termo “comunicação”. Para ele, a interação entre sujeitos nem sempre acontece de modo perfeito.

la comunicación rara vez es simétrica, en el sentido de "entre iguales", y armoniosa, en el sentido de "no conflictiva"; por eso vamos a considerar a la comunicación dialógica como un encuentro, antes que como un acuerdo: un encuentro donde los que se encuentran cargan con sus memorias, sus conflictos, sus diferencias. (HUERGO, 2001).

A inter-relação comunicação-educação gerou estudos que foram desenvolvidos pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade São Paulo (NCE-ECA/USP), preocupado em fundamentar, pesquisar, desenvolver e solidificar um novo campo, a Educomunicação, que por sua natureza inter-relacional, “estrutura-se de modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo”, sendo vivenciado pelos seus atores através de áreas concretas de intervenção social, que podem constituírem-se em vertentes”, de acordo com Ismar de Oliveira Soares.(SOARES, 1999, p. 65). O autor define a Educomunicação como

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.” (SOARES, 2002a, p. 115)

Quatro áreas de intervenção foram sistematizadas ao se pensar a abrangência da Educomunicação:

a) Educação para a Comunicação, preocupada com a reflexão a respeito dos impactos e influências dos *media*, na relação entre os pólos do processo de comunicação (Estudos de Recepção) e no campo pedagógico pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios (Educação para a Comunicação, “Media Education” ou “Media Literacy”). Na continente latino-americano, também é conhecida como “leitura crítica dos meios”, educação para a televisão” ou “educação para os meios”

b) Mediação tecnológica na educação que compreende os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação;

c) Gestão comunicativa, voltada para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que articulam-se no âmbito da Comunicação/Cultura/Educação. Dela faz parte o planejamento das relações entre os professores e alunos, entre direção, corpo docente e alunos ou nas relações entre a escola e a comunidade onde está inserida. Além disso, também há o planejamento de ações voltadas à criação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento do ensino, à implantação de projetos de educação frente aos meios de comunicação, à implementação do exercício artístico, ou mesmo, à disseminação das tecnologias num plano de ensino.

d) Reflexão epistemológica que vê a inter-relação Comunicação e Educação como fenômeno cultural emergente e instiga projetos de pesquisa para legitimação do novo campo e investigações sobre as vertentes que compõem a Educomunicação, constituindo-se uma reflexão acadêmica.

A inter-relação Comunicação/Educação já tinha acontecido em épocas e momentos anteriores, ainda que mais intuitiva e não tão sistematizada. Célestin Freinet na França e Paulo Freire no Brasil são considerados os desbravadores da área Educação para Comunicação. Embora atuassem em contextos bem diversos, trabalhassem com públicos distintos – Freinet na educação de zero a 14 anos, Freire na educação de adulto – e apresentassem objetivos diferentes – o francês visava mudanças na estrutura e pedagogia escolares, o brasileiro buscava uma reorganização sócio-política do mundo – havia muitas semelhanças entre eles. Ambos tinham uma concepção política da educação, acreditavam na não

neutralidade do ato pedagógico, sustentavam o diálogo e a colaboração, alertavam para a manipulação do ser humano e, sobretudo, estavam convictos da possibilidade de transformação do indivíduo e da sociedade. A via de acesso eram a livre expressão, o diálogo e a cooperação.

Paulo Freire

Para entender a história da inter-relação comunicação e educação latino-americana após os anos 70, é preciso voltar os olhos para Paulo Freire que desenvolveu fundamentos sólidos para um novo modelo educacional, essencialmente horizontal, democrático e dialógico. A matriz freireana perpassa o pensamento de vários teóricos da comunicação da América Latina, principalmente Mário Kaplún, Jesús Martín-Barbero, Guillermo Orozco-Gómez, Francisco Gutiérrez. Martín-Barbero atribui a Freire “la primeira teoria latinoamericana de comunicación, ya que no sólo tematizó prácticas y procesos comunicativos de estos países sino que puso a comunicar a América Latina consigo misma y com el resto del mundo”. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 20)

O educador brasileiro, mais do que inaugurar um pensamento dialógico, democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana, transformou-se em um marco na história da Educação. Sua concepção de educação popular abalou as bases do ensino elitista vigente, repercutiu internacionalmente e produziu uma ruptura no percurso histórico da educação/comunicação. Ele apostava na educação por intermédio do audiovisual. Já na década de 60, a Conferência Nacional dos Bispos havia aprovado o uso da Telescola no Movimento de Educação de Base (MEB). Além disso, acreditava também na educação em outros espaços que não o da educação formal.

Extensão ou Comunicação?, elaborado em 1968/1969, reflete a importância da comunicação no processo de conhecimento. Básica nas relações humanas, ela se apresenta como uma relação social igualitária, dialogal, na co-participação dos sujeitos no ato de conhecer.

A explosão das tecnologias da comunicação e informação levam o pensador a afirmar que mais que a utilização de uma técnica ou tecnologia, a problematização e a conscientização são fundamentais no ato pedagógico.

Isso não significa ignorar ou rejeitar novas tecnologias ou linguagens; ao contrário, é preciso apropriar-se delas, com critério, para reavivar a humanização do homem: é preciso discutir os meios de comunicação e a quem eles servem. É uma crítica política e não tecnológica.

O projeto educacional que construiu visava ao fim da opressão e das desigualdades sociais por intermédio do desenvolvimento da consciência crítica e histórica. Suas bases alicerçavam-se em uma teoria do conhecimento que se pautava pelo respeito ao educando, pela busca da autonomia e pela dialogicidade, a partir de um pensamento crítico e libertador, na busca pela igualdade, justiça e união, pressupostos orientadores na construção de novos paradigmas educacionais.

Ao partir da realidade do educando para encontrar temas geradores que vivificassem a educação, Freire substituiu uma visão mais simplista por outra crítica, e partia do pressuposto de que havia em cada ser humano um saber único, ainda que rudimentar, mas de onde era possível estabelecer uma nova relação com a vida. Inaugurava, assim, uma metodologia dialógica que renegava a transmissão vertical de conteúdos: do mestre, que detém o conhecimento, para o aluno, que devia absorvê-la. Essa educação que chamou de “bancária” estava na raiz da dominação cultural.

Para Freire, não existe educação neutra, é impossível separar o processo de aprendizagem do processo político, já que ao construir significados de uma

realidade, estamos atribuindo valores que podem ser imobilizantes ou, ao contrário, ativos, que acreditem que reflexão e ação podem transformá-la. A educação problematizadora desenvolvida por ele procura desvelar o mundo e é calcada numa relação dialógica entre educador e educando. “O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. [...] Os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1978, p. 78-79).

O sentido atribuído ao diálogo, que pressupõe uma relação horizontal entre os seres, fundado “no amor, na humildade, na fé dos homens”, é fundamental para a estrutura do conhecimento, visto que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, uma vez que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscentes. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1979, p. 69). Tem-se, assim, uma teia de interações que estabelece a sintonia entre comunicação e educação.

A comunicação é o elemento pelo qual é possível transformar o ser humano em sujeito da sua própria história, vivendo uma relação dialética, em diálogo, que o conduz a uma consciência crítica e a uma transformação.

O mundo social humano não existiria se não fosse capaz de se comunicar. A comunicação é um processo de interação de Sujeitos em diálogo, elemento estruturante e intrínscico ao ser humano. Este é o primeiro dos três níveis, chamado de antropológico: a comunicação como constitutiva do ser humano. (LIMA, 1981)

O segundo nível, epistemológico, parte do pressuposto de que só ocorre conhecimento na comunicação; ele é o resultado da relação social entre dois sujeitos mediatizados pelo objeto que querem conhecer: “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar...” (LIMA, *op. cit.*, p. 63)

A dimensão política, terceiro nível, é entendida quando lembramos que não há conhecimento e nem comunicação se a relação entre os sujeitos não for igual. A comunicação para Freire, diz Venício Lima, é uma relação social igualitária, dialogal que produz conhecimento, uma prática transformadora e política.

A visão que Freire tem da comunicação dialógica parte de um paradigma sócio-estrutural; não se trata de um enfoque no âmbito pessoal, mas social e político, muito diferente do individualismo baseado na auto-realização. Ele condena os que acreditam que indivíduos possam ser transformados enquanto as estruturas sociais são mantidas intactas.

Isso não significa que Freire não se preocupe com o indivíduo, com o particular; pelo contrário, a esfera pessoal só encontra sua plenitude quando está inserida no todo; a auto-realização só tem sentido na medida em que está conectada ao outro.

A dialogicidade como essência da educação libertadora apresenta algumas características importantes: a colaboração (a ação dialógica só se realiza entre sujeitos), união (fundamental para a consciência de classe ou de grupo), organização (momento da aprendizagem em que se busca transformar) e síntese cultural (instrumento de superação da cultura).

La puerta a la comunicación que nos abre P. Freire es básicamente a su estructura dialógica. Pues hay comunicación cuando el lenguaje da forma a la conflictiva experiencia del convivir, cuando se constituye en horizonte de reciprocidad de cada hombre con los otros en el mundo. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 30)

Teoria Dialógica em prática: um exemplo.

No cerne da Educomunicação está a concepção dialógica de Freire. Trabalhos desenvolvidos nesse campo interdisciplinar colocam em prática os princípios de colaboração, união, organização e síntese cultural. Um exemplo foi o projeto Educom.TV – a linguagem audiovisual na escola: uma ação educacional, desenvolvido pelo Núcleo de Comunicação e Educação - NCE, do Departamento de Comunicação e Artes, da Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo, ECA-USP, em parceria com a CENP/SEE - Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e a GIP/DTE. Este projeto constitui-se de um curso que capacitou 2.243 professores da rede pública do estado de São Paulo para o uso do audiovisual em sala de aula, por intermédio de atividades *on-line* realizadas por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem, em 2002.

A estrutura do Educom.TV era constituída de 3 coordenadores, 35 tutores – cada um responsável por uma sala virtual de aprendizagem com cerca de 65 cursistas –, equipe operacional, equipe de suporte técnico, além de articuladores. O conteúdo pedagógico foi distribuído ao longo dos meses de junho a dezembro em 10 módulos. Esses compunham-se de parte teórico-reflexiva, exercícios dissertativos relacionados à prática diária docente e ao uso das NTIC, além de solicitarem intensa navegação por hipertextos e discussões em chats e fóruns.

O projeto foi educacional e lastrado em Freire, pois tanto no desenho pedagógico interno do curso - concepção do AVA, seleção dos tutores, elaboração do material didático e relações travadas entre tutores, coordenadores, suporte técnico – quanto nas relações com os alunos, atendia aos três princípios apontados por SIERRA (2000, p.21-22), da relacionabilidade, da alteridade e da dialogicidade.

A escolha dos tutores para o projeto Educom.TV foi norteada pelos princípios da Educomunicação. Recrutados entre alunos de pós-graduação, mestrados ou doutorandos, vinham de diferentes áreas do conhecimento: Pedagogia, Cinema, Filosofia, Física, Biologia, Letras, Sociologia, Antropologia, Geografia, Artes e Jornalismo. A heterogeneidade da formação dessas pessoas foi fator determinante para a construção de um saber conjunto, partilhado pelo grupo, que contribuiu para a união e o estabelecimento de laços de confiança entre os membros da equipe. (SOARES *et al* , 2004).

O tutor tinha tripla função: a primeira, pessoal, era estabelecer uma relação de cordialidade e confiança entre os participantes; a segunda, tecnológica, deveria orientar seus educandos a utilizar as ferramentas disponibilizadas pelo curso e a terceira, pedagógica, consistia em avaliar e comentar as respostas dos cursistas aos exercícios, dentro do ritmo de cada um, estimulando-os a reverem sua prática pedagógica de modo a que pudessem ter um novo olhar sobre a educação, sobre os meios de comunicação e as novas tecnologias, sem, contudo, desqualificar as crenças que carregassem.

Os textos e os exercícios, assim como o contato com os tutores, valorizavam a aprendizagem como “construção de significados”, em uma dimensão cooperativa ou colaborativa da aprendizagem que põe em evidência o papel dos pares e a tutela do “adulto” nas situações

de aprendizagem (ou seja, aprendizagem como ato social).
(SOARES *et al* , *op.cit.*).

Dentro da concepção dialógica, as três funções desempenhadas pelos tutores do Educom.TV “convergiam para a valorização e a ressignificação do papel do professor que deveria, ele também, sentir-se parte integrante de uma teia colaborativa de seres humanos envolvidos em questões pedagógicas e educacionais.”(SOARES *et al* , *op.ci.t*) A relação dialógica entre os pares criou um ecossistema comunicativo eficiente e permitiu que os professores-cursistas questionassem suas práticas e conceitos e incorporassem uma nova visão sobre sua prática pedagógica.

(...) A forma em que se deu a relação entre cursistas, tutores, coordenação geral, equipe operacional e equipe técnica, teceu laços colaborativos consistentes evidenciados pela troca dialógica e assídua de experiências e idéias que culminaram com o bom resultado do projeto. Os resultados deste curso aparecem consubstanciados nos trabalhos finais - alguns surpreendentemente rigorosos em relação aos conceitos envolvidos e outros dotados de acentuada criatividade. (SOARES *et al.*, *op .cit.*).

De fato, os resultados obtidos ao final do curso indicam que o professor se transformou ao final do projeto Educom.TV. Foram elaborados, em parcerias, 980 projetos interdisciplinares, o índice de permanência esteve em torno de 91% (considerado muito bom para cursos *on-line*) e a pesquisa avaliativa final realizada com os professores revelou que houve efetiva contribuição na qualidade do ensino ministrada pelos professores.

Conclusão

No mundo atual em que é preciso educar numa sociedade em que os dispositivos tecnológicos e midiáticos produzem outras sensibilidades, deslocalizam o saber, inauguram novas formas de expressão, Comunicação e Educação caminham juntas.

Ao despontar como educador que percebeu a “comunicação humana como diálogo.” (Lima, *op.cit.*, 71) e entendeu as inter-relações entre educação e comunicação, Paulo Freire forneceu uma base teórica sólida para a gestão de ecossistemas comunicativos, pois sua teoria dialógica, baseada em colaboração, união, organização e síntese cultural, aproxima-se do conceito de Educomunicação. A Educomunicação configura-se assim como campo teórico-prático integrado e integrador que pressupõe um *modus operandi* que reconceitua a relação comunicação e educação. Como diz Venício Lima:

No momento em que as potencialidades das tecnologias interativas acenam para a quebra da unidirecionalidade e da centralização das comunicações, o conceito de comunicação dialógica, relacional e transformadora de Freire oferece uma referência normativa revitalizada, criativa e desafiadora para todos aqueles que acreditavam na prevalência de um modelo social comunicativo humano e libertador. (LIMA, *op.cit.*,p.69)

Referências

BACCEGA, M. A. Novas tecnologias, novas sensibilidades. **Revista Comunicação & Educação** n.º 18. São Paulo: Segmento, 2000. p. 7-14.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In* ADORNO, T. *et al.* **Teoria da Cultura de Massa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CITELLI, A. **Comunicação e Educação**. A linguagem em movimento. São Paulo: SENAC, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967

_____. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. São Paulo, 19a. edição, Cortez Editora: Autores Associados, 1987.

GADOTTI, M. (Org.). **Paulo Freire**. Uma Biobliografia. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire / UNESCO, 1996.

GUTIERREZ, F. **Linguagem Total**. Uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo: Summus, 1978.

HUERGO, J. **La popularización de la Ciencia y la tecnología**. Interpelaciones desde la Comunicación. RED-POP - Cono Sur. La Plata: 2001. Disponível em: [<http://www.redpop.org/publicaciones/mainlapopularizacion.html>]. Acesso em 27 de maio de 2003.

LIMA, V. A. de. **Mídia**. Teoria e Política. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J.M. *Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación*. In: **Nómadas**. Bogotá, septiembre de 1996, n.º 5, p.10-22.

_____. Cidade Virtual: Novos Cenários da Comunicação. **Revista Comunicação & Educação** n.º 11. São Paulo: Moderna, 1998, p.53-67.

_____. *Retos culturales de la comunicación a la educación. Elementos para una reflexión que está por comenzar*. **Revista Reflexiones Académicas**. N.º 12 p.45-57, Santiago: Universidad Diego Portales, 2000.

_____. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

MATTELART, A. e MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MORAN, J. M. **Leituras dos Meios de Comunicação**. São Paulo, Pancast, 1993.

_____. **Mudanças na Comunicação Pessoal**. São Paulo: Paulinas, 1998, p. 10-16.

O'SULLIVAN, T. ; HARTLEY, J. ; SAUNDERS, D. ; MONTGOMERY, M. ; FISKE, J. **Conceitos-chave em Estudos de Comunicação e Cultura**. Piracicaba: Editora Unimep, 2001.

RODRIGUES, A. D. **Comunicação e Cultura**. A experiência cultural na era da informação. Lisboa, Editorial Presença, 1999.

SIERRA, F. **Introducción a la teoría de la comunicación educativa**. Sevilla, Ed. MAD, 2000.

SOARES, Ismar de O. (1999) Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. *In* **Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Educação e Arte**. Brasília: UNB, ano 1, n. 2, p. 5-75, jan./mar., 1999.

_____. (2000a) Educomunicação: um campo de mediações. **Revista Comunicação & Educação** nº 19. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 7, p.12-24, set./dez. 1996.

_____. (2000b) Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social. O caso dos Estados Unidos. *In*: **ECCOS**, UNINOVE, São Paulo, v.2 n.2, p.61-80, dez., 2000,.

_____. (2002a) Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. *In* BACCEGA, M. A. (org.). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. (2002b) Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *In* BACCEGA, M. A. (org.) **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA/USP/Salesiana, n.º 23, p.16-25, jan./abr., 2002.

_____. (2002c) A Educomunicação e suas áreas de intervenção. *Educom.TV*, tópico 1, ECA/USP, 2002. Disponível mediante senha em: [<http://www.educomtv.see.inf.br/>]. Acesso em 3 de novembro de 2003.

_____. (2003) **Comunicação / Educação emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Disponível em [http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/perfil_ismar.html]. Acesso em 20 de abril de 2003.

_____ *et al* (2004). O Projeto Educom.TV: Formação on-line de professores numa perspectiva educacional. *In Revista Te@D*, PUC/SP vol.1, n. 1, nov., 2004. Disponível em [<http://www.pucsp.br/tead/n1/artigos2/artigo2.htm>]. Acesso em 25 de março de 2005.

WOLTON, D. Comunicação: um grande desafio científico e político do século XXI. *Revista Famecos*, nº 19. Porto Alegre, EDIPUCS, p. 7-18, dezembro de 2002,